

Comentário na imprensa em linha: estudo de uma construção linguística que comenta contrapondo

Helena Valentim & Matilde Gonçalves

Abstract:

Considering that there is a relationship between language practices, gender, textual organization and linguistic constructions, our proposal seeks to demonstrate and to understand how this relationship of mutual influence or interdependence occurs, based on the analysis of a *corpus* of readers' comments on news in the online press.

To that end, we have identified a very recurrent linguistic construction in the analyzed *corpus*, which, in syntactic terms, corresponds to a cleaved structure subtype, whose specificity and occurrence, because it is closely related to the informational structure of sentences, is said to depend on discursive factors (Lobo et al., 2015).

These are constructions such as those underlined in the following sequences:

1. *Estou farto desta classe... e sem resultados, vão é limpar floresta....* (Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

I am fed up with this class ... and without results, you should instead clean the forest....
(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defends salaries increase for governors)

2. *Confirma-se: o dinheiro existe. Está é muito mal distribuído.* (Jorn_Expr_5; Bruxelas paga reforma antecipada a Durão desde abril)

It is confirmed: money exists. But it is very poorly distributed.

(Jorn_Expr_5; Brussels pays early retirement to Durão since April)

We will describe the enunciative operations underlying this linguistic construction in order to sustain and better understand the discursive effect of controversial contraposition associated with it and thus contribute to the description of online language practices, in particular the commentary.

No presente *workpaper* pretende-se abordar os comentários enquanto práticas de linguagem que circulam em sociedade a partir das intersecções teóricas e metodológicas, construídas e a construir, entre os modelos que se definem, por um lado, a partir de uma análise do que é estritamente linguístico (no quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas) e, por outro, a partir de uma abordagem interacionista socio-discursiva (Interactionismo Sociodiscursivo).

Para este estudo, o objeto escolhido é uma forma linguística, relacionada com a oralidade em língua portuguesa, frequente na fala espontânea de adultos, que aparece com facilidade nos comen-

tários, nomeadamente nos comentários em linha de leitores a notícias jornalísticas digitais. O nosso objetivo é dar conta (mesmo que parcialmente) desta forma, descrevendo e caracterizando-a com vista a uma compreensão do seu funcionamento transcategorial – que caracteriza a abordagem enunciativa de acordo com o modelo da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Deste modo, é nosso propósito dar conta do funcionamento simultaneamente sintático e semântico, e também discursivo/textual, sublinhando a pertinência da articulação do estudo dos fenómenos gramaticais com a análise da edificação dos textos e das práticas de linguagem.

Se no trabalho que segue, a dimensão estritamente linguística é privilegiada, a análise das formas linguísticas rege-se por uma abordagem descente, inscrevendo-se no programa teórico-metodológico desenvolvido por Voloshinov (1929/1977 :137-139), que preconiza o estudo das atividades sociais, a seguir dos «atos de fala» e, finalmente, das estruturas linguísticas. De facto, a forma de comunicação (e suas diversas manifestações) «organise[ent], construi[sen]t et achève[nt], de façon spécifique, la forme grammaticale et stylistique de l'énoncé ainsi que la structure du type dont il relève» (1929/1977: 289-290).

É de referir que a prática dos comentários tem uma longa tradição ancorada, nomeadamente, na literatura, na exegese dos textos bíblicos, na filosofia ou na ciência. Contudo com o advento do digital, o comentário emerge associado a outros suportes e, tomando conta dos domínios do quotidiano, configura outras práticas sociais, nomeadamente os jornais em linha e as redes sociais (Facebook, Tripadvisor, entre outros).

1. Descrição da forma

O tipo de construção linguística em análise é extraído do *corpus* G&T.COM, criado e organizado pelo grupo Gramática & Texto (CLUNL), que reúne textos empíricos que circulam socialmente sob o rótulo "comentário". Neste *corpus* de cerca de 1200 textos, é fácil encontrar comentários em linha de leitores de imprensa escrita, apresentando características reivindicativas, por vezes de exacerbada expressividade, como reação a conteúdos veiculados seja nas peças jornalísticas seja nos comentários de outros leitores que os antecederam.

Trata-se de construções como as presentes nos seguintes exemplos e por nós sublinhadas:

Estou farto desta classe... e sem resultados, vão é limpar floresta... (Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

Confirma-se: o dinheiro existe. Está é muito mal distribuído. (Jorn_Expr_5; Bruxelas paga reforma antecipada a Durão desde abril)

No primeiro caso, está-se perante uma reação à notícia que refere a defesa do aumento dos salários dos políticos por parte de alguém com responsabilidade política. No segundo caso, a reação recai sobre a notícia do pagamento por parte da União Europeia da reforma antecipada ao anterior Comissário Geral Durão Barroso.

Nos dois exemplos, o verbo *ser*, na terceira pessoa do singular, interpõe-se ao nível do predicado configurando o que, numa perspectiva sintática, é descrito como sendo uma das estruturas de focalização com *ser* de que o português dispõe. Desta construção, se diz ainda integrar o fenómeno mais geral das estruturas clivadas do português que podem ser usadas para focar determinado constituinte de forma contrastiva. Vários estudos que dão conta desta estrutura sintática, entre outros, o de Lobo et. al. (2015), não deixam de referir que, pelo facto de qualquer clivada se encontrar em estreita relação com a estrutura informacional das frases, a sua variação em termos de subtipos depende de fatores discursivos.

Concluimos, por conseguinte, pela relevância que terá um enquadramento do estudo enunciativo destas construções linguísticas numa articulação com as questões genéricas que são convocadas

pelo *corpus* de observáveis em que nos baseamos. Consequentemente, o funcionamento enunciativo destas construções relevará da dimensão textual e discursiva.

2. Funcionamento enunciativo: relação de complementaridade entre domínios

Numa tentativa de tipificar o valor modal dos enunciados em que ocorre a construção que pretendemos descrever, constata-se que, deste ponto de vista, há uma pluralidade de situações: esta construção ocorre em enunciados com valores modais diversificados, sem aparentes restrições de ocorrência. No entanto, é notório o facto de esta construção ser muito mais frequente em enunciados cujo valor modal é do tipo intersujeitos¹, isto é, em que o enunciador age sobre o coenunciador a fim de que este realize agentivamente o conteúdo da relação predicativa.

Veja-se os seguintes enunciados:

1. *Estou farto desta classe... e sem resultados, vão é limpar floresta...*
(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

¹ A tipologia de valores de modalidade identificados por Antoine Culioli incluía o valor de modalidade pragmática, «en particulier mode allocutoire, causative, bref, ce qui implique une relation entresujets» (1968: 112). Este tipo de modalidade vem a ser designada, em Campos 2001, como modalidade intersujeitos, próxima da modalidade radical, que tem subjacente uma relação entre sujeitos, mais especificamente entre agentes, isto é, enunciador e coenunciador enquanto desencadeadores de processos.

2. *Aumentem é os nossos salários e já agora, os dos comentadores pequeninos, diz ele em cima do palanque.*

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

3. *Vão mas é investigar os órgãos de polícia criminal e os magistrados(as), onde é que vão ao património de luxo se queixam de salários baixos e trabalharão de Sol a Sol e de graça porque não pagam extras, metam-nos todos sob escuta durante anos.*

(Jorn_Expr_4; PS/Lisboa. José Sócrates volta às rentrees dos socialistas)

4. *Funcionários públicos foram quem mais sofreu? Deve achar que perder o emprego e ter que emigrar para dar de comer aos filhos são coisas pequenas! ganhe VERGONHA! Vá às escolas onde as férias são pelo menos 4 meses por ano! Verão inteiro, natal, páscoa, etc etc. Deixe de ser xulo e esteja é calado e agradecido por fazer parte da elite do país!*

(SOL_3, Mariana Mortágua debaixo de fogo divide PS)

Em todos estes enunciados se constrói uma relação intersujeitos, ou mais especificamente interagentes, uma vez que as situações representadas são de natureza necessariamente dinâmica. Temos, nos enunciados acima transcritos, injunções, com os verbos no modo imperativo (*vão, aumentem, vão, estejam*). O enunciador constrói um conteúdo proposicional, ou relação predicativa, exprimindo uma relação de obrigação, que, de forma direta, dirige a um coenunciador convertido em interlocutor, a fim de que este realize agentivamente o conteúdo da relação predicativa, respetivamente, “limpar a floresta” (1), “aumentar os [nossos] salários” (2), “investigar os órgãos de polícia criminal

e os magistrados(as)” (3) e “estar calado” (4). Nestes casos, não está, por conseguinte, em causa a validação ou não validação da relação predicativa.

Outros enunciados apresentam um sub-tipo de valor de modalidade intersujeitos, o valor deôntico:

5. Deviam era ter salário zero e ser pagos por objetivos. Se calhar passavam menos tempo a dormir e em jantarradas.

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

6. *so pego nisto, "Há muitos portugueses que lutaram anos a fio para pouparem alguma coisa: fizeram sacrifícios anos e anos, não passaram férias, aliás, passaram-nas a trabalhar," estes muitos são pensionistas, funcionários públicos, trabalhadores em que os últimos 4 anos foram os mais esmagados mas o resto assobia e dança viva o futebol agora fala-se em os ricos chegarem a frente e pronto, eu ca como trabalhador por conta de outro digo basta, mas claro que o trabalhador conta própria esse e pah ganhei juntei e não venham ca. pagar deviam era de pagar bes bpn e galps amorins e afins mas sacrifícios so mesmo a classe media pois mesmo este fim de semana passei pela herdade da comporta e realmente aquilo e so pobres a fugirem dos mosquitos [SIC]*

(SOL_3, Mariana Mortágua debaixo de fogo divide PS)

Nestes enunciados, explicitam-se relações de obrigação marcadas pelo verbo *dever*, cuja fonte não é necessariamente o próprio enunciador, pelo que se mantém implícita. Tais relações de obrigação são dirigidas, nestes casos, ao co-enunciador que consiste numa entidade

plural: os políticos (5) e “bes bpn e galps” (6).

Nos enunciados seguintes, o valor deôntico é de não permissão:

7. *a escolha independente é dele.. ou sai como um homem de coragem, ou é corrido como um manso incompetente... não pode é continuar a fazer pinotes com os números para aguentar as ambições da geringonça Tosta e Companhia Lda*

(SOL_2; A semana horribilis de Mário Centeno)

8. *Em Portugal podes consumir o que te apetecer, é uma verdade. Não podes é produzir ou traficar. Não confundir!*

(JN_4; Presidente do Peru diz que fumar um charro "não é o fim do mundo")

Mais uma vez, não está em causa a validação da relação predicativa. Explicitam-se relações de não permissão que emanam de uma fonte deôntica, no caso implícita, que recaem sobre o co-enunciador dissuadindo-o de realizar a situação necessariamente dinâmica descrita pela relação predicativa: “continuar a fazer pinotes” (7), “produzir ou traficar [droga]” (8).

Dos enunciados observados, é também de destacar a possibilidade de o valor modal construído ser epistémico, correspondendo mais especificamente a uma asserção estrita:

9. *Confirma-se: o dinheiro existe. Está é muito mal distribuído.*

(Jorn_Expr_5; Bruxelas paga reforma antecipada a Durão desde abril)

10. *O aproveitamento das regras propiciado pelas regulamentações comunitá-*

rias, cai como ouro sobre azul, no conhecimento da legislação que [Durão Barroso] conhece. Escusava era de manifestar indignação pública por direitos e regalias que não lhe foram negadas, fazendo de parvos todos os seus compatriotas.

(Jorn_Expr_5; Bruxelas paga reforma antecipada a Durão desde abril)

Em ambos os casos, o enunciador valida a relação predicativa no polo positivo da escala de valores assertivos², conferindo a estes enunciados um valor de certeza e constituindo-se, deste modo, como responsável do valor construído.

Mas ocorrem também enunciados cujo valor de modalidade epistémico construído não se situa no polo positivo da escala de valores assertivos:

11. *O senhor para falar assim deve estar incomodado por a erva não ser a plataforma ideal para vocês taxarem com impostos.*

(JN_4; Presidente do Peru diz que fumar um charro "não é o fim do mundo")

Neste caso, o enunciador constrói um valor do domínio do não certo, ainda que orientado para o polo positivo. O verbo *dever*, aqui associado a um predicado estativo (*estar incomodado*), constitui um marcador deste valor intermédio quando consideramos os valores de modalidade epistémica dispostos numa escala que compreende os dois valores polares, positivo, ou de asserção estrita, e negativo, ou de não asserção.

Independentemente do valor modal e mesmo do valor temporal-aspetual destes enunciados, estamos perante uma

construção linguística que tem subjacente uma operação de localização entre dois termos predicativos. Aliás, a construção em que ocorre a estrutura clivada com o verbo *ser* constitui sempre o segundo termo de uma relação com um outro termo, que *lhe* é metalinguisticamente prévio, ou pré-construído. Trata-se de uma relação de complementaridade linguística que permite configurar um tipo de contraposição discursiva com um efeito polémico. Daí a possibilidade, muito frequente, de poder coocorrer a conjunção *mas*, que reforça / intensifica o mesmo valor de contraposição, conferindo uma expressividade conforme aos registos mais espontâneos que se encontram também na prática do comentário em linha. Observamo-lo no enunciado 3, mas seria uma coocorrência admissível e, portanto, compatível com o valor construído em outros enunciados. Exemplificamo-lo através de uma manipulação dos enunciados 1 e 5:

1'. *Estou farto desta classe... e sem resultados, vão mas é limpar floresta...*

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

5'. *Deviam mas era ter salário zero e ser pagos por objetivos. Se calhar passavam menos tempo a dormir e em jantaras.*

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

O primeiro termo da relação de complementaridade, que – referíamos – é de natureza metalinguística, pode estar ou não linguisticamente construído.

Os enunciados 4, 9 e 10 ilustram o caso em que o complementar linguístico está linguisticamente expresso. No enunciado 4, a relação predicativa <estar calado

e agradecido> (“esteja é calado e agradecido”) é construída como complementar linguística da relação predicativa <deixar de ser xulo> (que também assume uma forma injuntiva: “Deixe de ser xulo”). O verbo *ser* marca a passagem do limiar semântico entre os dois domínios predicativos fixando um, o que ocorre como segundo termo na relação enunciativa, que é, deste modo, construído pelo sujeito enunciador como contraponto e, portanto, mais válido: no caso, mais válido intersubjetivamente, no âmbito da interagentividade marcada pelo modo imperativo.

No enunciado 9, o termo em relação ao qual se constrói complementaridade linguística é a relação predicativa <existir dinheiro> (“o dinheiro existe”). Já no enunciado 10, é o conteúdo predicativo <[Durão Barroso] conhecer a legislação> (recuperado da subordinada relativa em “a legislação que [Durão Barroso] conhece”), que se apresenta em complementaridade linguística com o conteúdo proposicional do segundo termo (“Escusava era de manifestar indignação pública”). Em ambos os casos, o domínio predicativo que constitui o segundo termo da relação de complementaridade é construído como epistemicamente mais válido para o enunciador.

Não estando construído linguisticamente pelo enunciador, o primeiro termo da relação de complementaridade linguística subjacente à construção em análise pode ainda ser recuperável no cotexto, isto é, no corpo da notícia. Efetivamente, a natureza genérica do *corpus* de análise – comentários em linha - propicia esta situação. É o que se passa, a título de exemplo, nos enunciados 1 e 2. Nestes enunciados, ambos comentários a uma mesma notícia, observamos que o termo metalinguisticamente antecedente e em relação de complementaridade

com as construções das sequências sublinhadas é o conteúdo proposicional, ou relação predicativa, expresso no título da notícia que lhes dá origem, que se prende nomeadamente com a hipótese, levantada pelo comentador político Marques Mendes, de subida de salários dos políticos (“Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes”). Os termos construídos como enunciativamente mais válidos assumem um valor modal intersujeitos mas com conteúdos distintos em ambos os exemplos aqui destacados: no enunciado 1, incita-se os políticos (um vocativo não explicitado mas inferido) a “limpar a floresta”; no enunciado 2, o alvo da injunção volta a ser, de forma inferida, a classe política, incitada, neste caso, a “aumentar os [nossos] salários”.

O segundo termo da relação de complementaridade linguística subjacente à construção em análise pode constituir-se como uma inferência. É o caso do que está presente no enunciado 11, cujo valor de modalidade epistémica construído não se situa no polo positivo da escala de valores assertivos. Tendo como primeiro termo, linguisticamente expresso, o cotexto (no caso, a afirmação do Presidente do Peru de que “fumar um charro ‘não é o fim do mundo’”), o caráter de contraposição discursiva que o conteúdo proposicional do segundo termo da relação de complementaridade assume assenta num raciocínio inferencial. Traduz-se, mais particularmente, numa conclusão, construída com um valor modal epistémico intermédio.

Uma observação que se impõe sobre esta construção recai sobre o facto de, invariavelmente e por definição, o verbo *ser*, que opera a focalização sintática, ou assinala a estrutura clivada, ser subtraível, obtendo-se, ainda assim, frases gramaticais e, no plano enunciativo, enunciados bem formados. Manipulan-

do, a título de exemplo, os enunciados 1 e 5, obtemos os enunciados 1'' e 5'':

1''. *Estou farto desta classe... e sem resultados, vão limpar a floresta....*

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

5''. *Deviam ter salário zero e ser pagos por objetivos. Se calhar passavam menos tempo a dormir e em jantaradas.*

(Jorn_Expr_1; Marques Mendes defende aumento dos salários para governantes)

Nenhum destes enunciados, 1'' e 5'', apresenta o valor argumentativo de contraposição com a força, ou intensidade reforçada, que reconhecíamos presente nos enunciados originais, 1 e 5. Por conseguinte, nenhum destes enunciados convoca uma relação com outro termo, de natureza metalinguística. Isto é, em nenhum dos casos, a sequência sublinhada tem subjacente a relação de complementaridade em que se funda o efeito argumentativo reconhecível nos comentários em linha observados. Por conseguinte, fica confirmado que a especificidade da construção em análise, e presente nos enunciados 1 a 11, radica no facto de se estabelecer uma relação de complementaridade linguística entre dois domínios nocionais predicativos, sendo que o segundo é construído pelo enunciador como mais válido, ou preferível, ao primeiro.

Nota conclusiva

O presente estudo, ainda em curso, aponta a possibilidade de se fundar a descrição do funcionamento das formas e das construções linguísticas no pressuposto de que existe uma relação entre, por um lado, o tipo de construções lin-

guísticas e a sua especificidade em termos de operações que lhe subjazem e, por outro lado, o tipo de valores argumentativos construídos e a organização dos textos que refletem práticas discursivas particulares, como é o caso do comentário em linha.

Nesta medida, a descrição das operações subjacentes a uma construção linguística específica do português, permite, simultaneamente, sustentar e melhor compreender o efeito discursivo de confronto, ou de contraposição, que lhe está associado e, desse modo, contribuir para a descrição das práticas de comentários em linha. Resta o desafio de estender o estudo desta forma a comentários em linha construídos em outros contextos digitais, tais como as redes sociais, fóruns, entre outros.

Referências

- Campos, M. H. C. (2001) Enunciação mediada e operações cognitivas. In Silva, A. S. (org.) *Linguagem e cognição. A Perspectiva da linguística cognitiva*. Braga, Associação Portuguesa de Linguística, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia, pp. 325-340
- Culioli, A. (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations* tome 2. Paris, Éditions Ophrys.
- Culioli, A. (1968) La formalisation en linguistique. *Cahiers pour l'Analyse* 9. pp. 106-117.
- Gonçalves, M. (2014) Similitudes et différences textuelles dans les genres numériques : blog et site web. *Studii de lingvistica* 4. pp. 75 – 91.
- Lobo, M.; Santos, A. L.; Soares-Jesel; C. (2015) Syntactic structure and information structure: the acquisition of Portuguese clefts and Be-fragments. *Language acquisition* Volume 23, 2016 - Issue 2, pp. 142-174.

Nowakowska, A. (2002) La prédication dans les phrases clivées. *Langue et Praxis* III. Montpellier, pp. 233-247.

Valentim, H. T. (2014) Da variação na língua e no discurso – uma reflexão epistemológica. In Fiéis, A., Lobo, M.; Madeira, A. (orgs.) *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 315-327.

Valentim, Helena Topa (2010) Construção de um ponto de vista modal duplo. Enunciação relatada e construção de um valor polémico. In Barbara Hlibowicka-Węglarz (org.), *Zeszyty Naukowe Wyższej Szkoły Społeczno-Przyrodniczej* 8. Lublin: Wydawnictwo Akademickie Wyższej Szkoły Społeczno-Przyrodniczej, pp. 7-26.

Vercauteren, Aleksandra (2015) *A Conspiracy Theory for clefts: the syntax and interpretation of cleft constructions*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Voloshinov, V.N. (1977) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.